

IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABECAN

11 a 14 de nov. de 2007

MESA REDONDA: ESTUDOS CANADENSES: BALANÇOS E PERSPECTIVAS

Zilá Bernd – coordenação

A idéia de composição desta mesa surgiu quando eu ainda era presidente do ICCS-CIEC e Ana Rosa Ramos, presidente da Abecan, veio pela primeira vez participar em Ottawa de uma reunião anual do Conselho Internacional de Estudos Canadenses (ICCS-CIEC). A grande preocupação que girava em torno da identidade dos estudos canadenses, no âmbito das mais de trinta associações através do mundo que compõem o conselho, deu origem a essa mesa que, certamente não terá respostas definitivas sobre o que são os estudos canadenses, mas que terá certamente o mérito de levantar algumas questões relativas a esse campo disciplinar.

É um prazer e uma honra coordenar esta mesa integrada por colegas e amigos, envolvidos nos EC há mais de quinze anos (a Abecan tem hoje 16 anos de fundação):

- professor Christopher Rolfe, da Universidade de Leicester, Inglaterra, ex-presidente da Ass. Britânica de EC e “past president” do ICCS, que falará justamente sobre as novas tendências em estudos canadenses elaboradas no último fórum de estudos canadenses realizado em Winnipeg, em maio deste ano, do qual participou a profa. Ana Rosa Ramos, como representante da Abecan;
- professora Nubia Hanciau, da FURG, presidente da Abecan de 2003 a 2005, que falará sobre um dos importantes instrumentos de difusão dos EC no Brasil que é a revista

Interfaces Brasil/Canadá que está chegando ao número 8 já em preparação a ser lançado em maio de 2008. O foco da apresentação da colega será uma análise dos principais temas enfocados na revista desde sua criação em 2001, refletindo as tendências os EC no Brasil;

- professora Sandra Regina Goulart de Almeida, da UFMG, presidente da Abecan, de 2001 a 2003, que preferiu focar o impacto dos estudos canadenses na teoria e na crítica literárias no Brasil, desde o início dos intercâmbios inter-universitários Brasil/Canadá que datam dos anos 1990;
- Por mim mesma que fui presidente da Abecan de 1999 a 2001 e presidente do ICCS de 2003 a 2005. Tendo em vista a especificidade do discurso de cada um dos participantes e os limites de tempo, tentarei abordar 1. surgimento dos EC no Brasil; 2. novas tendências em EC; 3. questão da identidade dos Estudos Canadenses no Brasil hoje e das dificuldades de expansão desse campo disciplinar.

1. Surgimento dos EC no Brasil

Para os mais jovens e que aqui estão pela primeira vez ou que estão dando seus primeiros passos nos Estudos Canadenses, me permito uma rápida retrospectiva, lembrando que os assim chamados EC não são uma disciplina em si, mas um vasto campo interdisciplinar que pode abranger um grande número de disciplinas, em geral aquelas que têm nível de excelência no Canadá como todas as áreas abrangidas pelas questões do identitário, da alteridade, do multiculturalismo, das migrações, do bilingüismo, da tradução, do acomodamento equânime das diferentes etnias em presença devido a processos incessantes de imigração.

A partir dos anos 1980, inicia-se uma abertura no Brasil em relação ao mundo francófono das Américas. Esse interesse é despertado, em primeiro lugar, pela realização, no Rio de Janeiro, em 1980, do Congresso mundial da FIPF, que trouxe convidados do Quebec (pesquisadores e escritores) e do Caribe, como Édouard Glissant, René Dépestre, entre outros. A partir desta data inicia-se também o projeto *Trois Semaines au Québec*, iniciativa do Ministère des Relations Internationales du Québec, em parceria com a Université Laval. Nesse mesmo ano, fui uma dentre os mais de 60 professores de francês da América Latina a participar deste estagio. Em 1991, funda-se a Abecan, com um congresso realizado em Curitiba, e posteriormente criam-se núcleos de estudos canadenses em diferentes universidades brasileiras. Todas estas iniciativas geraram um interesse crescente pelos estudos quebequenses e francófonos, em um primeiro momento, e canadenses (com temas e autores de língua inglesa), logo a seguir, dando origem a um intenso e profícuo diálogo intercultural entre brasileiros e canadenses com trocas que se caracterizaram pela bilateralidade e pela simetria (contrariamente ao que estávamos acostumados a vivenciar com os colegas da França e da Inglaterra, onde as trocas eram, quase sempre, assimétricas).

O diferencial das relações Brasil/Canadá foi o vivo interesse de intelectuais canadenses pelo Brasil e sua formação cultural mestiça. Penso sobretudo em Walter Moser, Patrick Imbert, Bernard Andrès, Maximilien Laroche, Simon Harel, Noël Audet, Eva LeGrand e tantos outros que buscaram compreender, através da leitura de autores brasileiros, a gênese dos processos de autonomização cultural, como a antropofagia, e a origem da mestiçagem cultural e literária, deslocando clichês à cerca da dependência cultural latino-americana em relação aos “modelos” hegemônicos.

Criou-se, portanto, uma saudável sinergia com interesses recíprocos, manifestados através de um caminho de mão dupla com participação efetiva de professores brasileiros em simpósios realizados no Canadá e vice-versa e com publicações coletivas editadas tanto no Brasil quanto no Canadá. A visibilidade da produção crítica canadense em revistas científicas brasileiras como *Canadart*, *Interfaces Brasil/Canadá*, *Gragoatá*, *Revista de Literatura* da USP, *Organon* (Instituto de Letras da UFRGS), etc. tornou-se cada vez mais efetiva, bem como a presença de acadêmicos brasileiros em revistas canadenses como *Voix et Images*, *Études Littéraires*, entre outras.

Muitos são os campos dos estudos culturais onde a reflexão canadense tornou-se incontornável, como nas questões relativas: (1) ao identitário e suas relações com o nacional e o literário, (2) às migrações e às transferências culturais, (3) ao multiculturalismo, e, por fim (4) aos temas associados à reciclagem e à mobilidade cultural.

Só para resumir em uma palavra: os assim chamados EC nascem no Brasil através da francofonia, pelo trabalho inaugural de professores de francês, logo na área de letras, donde o predomínio até hoje de linhas de pesquisa em língua francesa e na área dos estudos literários.

2. **Novas Tendências** em EC no mundo atualmente (congresso *Le Canada vu d'ailleurs*, Ottawa, maio de 2005)

Em maio de 2005, organizamos, em Ottawa, um congresso intitulado *Le Canada vu d'ailleurs, images, perceptions, comparaisons (Canada from the outside in)*. O Conseil International d'Études Canadiennes cedeu a palavra a cerca de 60 Canadianistas do Canadá e do mundo inteiro que exprimiram os diferentes pontos de vista através dos quais o Canadá é percebido, imaginado ou comparado. Dada a amplitude desta amostragem, considero legítimo

utilizá-la como exemplar do que efetivamente se produz em escala internacional nessa área denominada de Estudos Canadenses.

Quando idealizamos esse que foi o quinto congresso bi-anual do ICCS-CIEC, de maio 2005, a partir de uma chamada ampla de comunicações, a idéia era a de poder retrair uma cartografia dos diferentes olhares a partir dos quais o Canadá é visto, analisado, estudado e ou criticado. A resposta dos Canadianistas canadenses e da comunidade internacional, representada por mais de trinta países situados em 5 continentes, foi extremamente positiva: 131 propostas foram encaminhadas ao comitê acadêmico que teve o imenso trabalho de selecionar apenas 60, número máximo, dada a duração de apenas 2 dias do evento.

Os trabalhos foram reunidos em 3 sub-temas:

- (1) **Imagens do Canada** que inspirou trabalhos que tentaram focalizar os imaginários coletivos, percebidos como o conjunto das representações através das quais uma coletividade se dá uma definição de si mesma e dos outros;
- (2) **Percepções do Canadá**, visando apontar os saberes que se formam a partir das percepções do país do ponto de vista de seus cidadãos, de seus imigrantes e da comunidade internacional;
- (3) **Perspectivas comparatistas** que estimularam os participantes a apontar semelhanças e divergências, a estabelecer diálogos inter, multi e transdisciplinares, a vislumbrar e a descobrir novas relações entre o literário e o identitário, a sublinhar as especificidades e as variantes do Canadá no tempo e no espaço, estimular a imaginação científica, variar as abordagens, sugerir transposições e desvendar processos intertextuais.

Podemos dizer que a amostragem dos trabalhos apresentados e depois dos que foram reunidos em um livro de mesmo título (Bernd, Z. &

Anctil, P., eds. Bruxelas, P.L.E. Peter Lang, 2006), representa uma amostragem das mais significativas das atuais tendências em estudos canadenses tais como são praticados por canadianistas canadenses e de outras geografias. Se tivéssemos que resumir de modo sucinto estas tendências diríamos que os temas mais recorrentes são :

- a) diásporas, migrações e transferências culturais e literárias;
- b) diversidade cultural, perspectivas multi e interculturais;
- c) políticas do estado canadense como um espelho da complexidade da sociedade canadense, e a questão das línguas oficiais.

3. Questão da **identidade** dos Estudos Canadenses no Brasil hoje e das dificuldades de expansão desse campo disciplinar e ajuste às prioridades do MAECI

Ainda hoje, após 16 anos de experiência no seio da Abecan, que passou de seus menos de 100 sócios inaugurais a mais de 400, ainda há, mesmo por parte dos membros mais antigos e avisados, uma hesitação sobre a natureza desse campo de estudos. Durante o período de análise das propostas a serem apresentadas nesse IX congresso da Abecan, alguns colegas eram de opinião de que fossem aceitos trabalhos sem conteúdo canadense explícito.

Fui veementemente contra essa posição, no que fui acompanhada de inúmeros colegas, como eu membros fundadores da Abecan. Se excesso de identidade prejudica, correndo-se o risco de engessamento e coagulação, não se pode aceitar nem para o congresso nem para a revista Interfaces Brasil/Canadá, textos que não contemplem tema canadense ou comparado Brasil/Canadá. É isso justamente o que diferencia nossa associação de outras tantas que existem em nosso país. A simples utilização de bibliografia teórica especializada canadense também não conforma uma identidade canadense.

O governo canadense, através do Ministério des affaires étrangères, que apóia financeiramente os estudos canadenses nos mais de 30 países do planeta, tem sido sempre respeitoso da indispensável liberdade acadêmica de professores e pesquisadores que elegeram os EC como área privilegiada. Contudo, cada vez mais são aguardados pelos organismos financiadores do Canadá um salto qualitativo e uma busca de especificidade nos trabalhos empreendidos nos diferentes países por professores, mestrados e doutorandos. Sabe-se hoje, sobretudo depois da redução de verbas para os EC, que pedidos de bolsa de estudos (estudantes) ou de bolsas de pesquisa e especialização (docentes), não serão contemplados se a identidade canadense não estiver explicitamente enunciada e o foco não estiver inserido nas prioridades listadas pelo Ministério em documento enviado ao ICCS em abril de 2007. Além disto, infelizmente nós brasileiros, que trabalhamos preferentemente na área cultural (literatura, linguística, história, sociologia, etc.), ficamos fora das áreas consideradas hoje prioritárias, a saber: paz e segurança; parcerias norte-americanas (Canadá-US); desenvolvimeto econômico e prosperidade; democracia, direito e direitos humanos; gestão da diversidade e questões ambientais (carta enviada em abril de 2007 por Jean Labrie, do MAECI/DFAIT, intitulada “Une nouvelle approche en Etudes Canadiennes, disponível no site do ICCS: ww.iccs-ciec.ca).

O momento, para os que transitam na área do EC, ou os adotam em seu viés comparatista, é de reflexão, senão de perplexidade. Embora seja claramente mencionado na referida carta que a identificação dos pontos prioritários não significa que os anteriormente praticados (área cultural) não serão negligenciados, é sempre preocupante saber que a cultura não se constitui mais em prioridade da área.

Concluindo:

A liberdade acadêmica está acima de qualquer priorização venha ela de onde vier. Embora seja possível entender a nova abordagem em EC, preconizada pelo Governo Canadense, e também almejar que as novas prioridades encontrem adesões por parte de pesquisadores brasileiros, é possível prever que esta adequação, ao menos no que diz respeito ao Brasil, será lenta e gradual, não sendo viável aos dirigentes da Abecan, impor linhas de pesquisa.

Qualquer que seja o enfoque e a abordagem, quem participa hoje dos EC deve pensar o Canadá como um país heterogêneo, deve estar aberto ao necessário processo de desconstrução e de *re-assemblage* do espaço literário, cultural e político desse país. Retomo aqui o pensamento de Pierre Anctill, que co-organizou o livro *Le Canadá vu d'ailleurs, nouvelles tendances en EC*, junto comigo em 2005: interessa hoje, sobretudo, ouvir a voz das margens (imigrantes, mulheres, negros, primeiras nações ou povos aborígenes) que se agrupam para afirmar suas identidades específicas. O exame dos temas dominantes do país e as produções culturais das populações, historicamente reconhecidas como fundadoras (franceses e ingleses), cede lugar a uma atração dos EC pelo excêntrico (o que está fora do centro, do *main stream*) e pelo inédito. É claro que isto não significa que não se deva ou possa abordar as linhas de força da sociedade canadense, nem que o Canadá tenha perdido seu “centro gravitacional”, como reitera Pierre Anctil. Mas o que chamamos de **novas tendências em EC** (sub-título do livro que organizamos), corresponde a uma abertura para o não hegemônico, a uma emergência das temáticas marginais no seio dos EC, a uma releitura das realidades até então pouco exploradas (feminismo, racismos, inscrição da voz dos imigrantes na literatura e na cultura do país, questões de mestiçagem etc), o que comprova uma renovação

desse campo de pesquisa que, embora jovem, é apaixonante e promissor. Desde que a independência acadêmica seja preservada.

Em suma: as áreas prioritárias em estudos canadenses deveriam ser definidas pelos próprios canadianistas e não virem de cima para baixo, determinadas por organismos governamentais. Por outro lado, quem administra programas de bolsas e estágios tem todo o direito de definir o que quer privilegiar em um momento em que o número de bolsas diminui. Fica para a nova diretoria da Abecan – e para seus membros que lhe dão vida - a tarefa de continuar essa discussão sobre o rumo que tomarão os EC no Brasil.